



Os topônimos do Recôncavo da Bahia

The toponyms of the Bahia Recôncavo

Lana Cristina SANTANA¹
Marcela Moura Torres PAIM²

RESUMO: Os topônimos do Recôncavo baiano apresentam uma rica diversidade linguística, compatível com as influências culturais vivenciadas nesse território. Em seu espaço geográfico, há uma presença marcante dos estratos dialetais indígenas, africanos e europeus, por ter sido uma das primeiras regiões brasileiras colonizadas e exploradas economicamente. A mistura desses povos pode ser verificada nos topônimos encontrados na microtoponímia dessa região: nomes de fazendas, comunidades e hidrografia, formados por nomes de origem Tupi associados a nomes e morfemas originários do latim ou de outras línguas europeias, que foram emitidos como um empréstimo ou uma mistura. Também é possível verificar a presença de formações toponímicas em que existe a união do estrato europeu com o repertório léxico das línguas bantas: quicongo, quimbundo e umbundo e das línguas cuá: yorubá e fon, revelando a presença dos povos africanos na cultura brasileira. Assim, o estudo toponímico é, na sua base, interdisciplinar, uma vez que utiliza outras áreas do conhecimento, como História, Geografia, Antropologia e Sociologia, como forma de base científica. Desta forma, a toponímia é o ramo dos estudos linguísticos que confirma a força dinâmica e interativa que o idioma possui, ratificando que a variação linguística está presente em todas as línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. Recôncavo baiano. Identidade cultural.

ABSTRACT: The toponyms of the Bahian Recôncavo presented a rich linguistic diversity, compatible with the cultural influences experienced in this territory. In its geographic space, there is a remarkable presence of the indigenous, African and European dialectal strata, since it was one of the first Brazilian regions that were colonized and economically exploited. The mixture of these peoples can be ascertained in the toponyms found in the microtoponymy of this region: names of farms, communities and hydrography, formed from Tupi origin names associated with names and morphemes originated from Latin, or from other European languages, that were issued as a loan, or a mixture. It is also possible to verify the presence of toponymic formations in which there is the union of the European stratum with the lexical repertoire of the Bantu languages: quicongo, quimbundo and umbundo and of the languages cuá: yorubá and fon, revealing the presence African peoples in Brazilian culture. Thus, the toponymic study is, in its base, interdisciplinary, since it uses other areas of knowledge, such as History, Geography, Anthropology and Sociology, as a form of scientific basis. In this way, Toponymy is added to the other linguistic studies that confirm the dynamic and interactive force that the language possesses, affirming that linguistic variation is present in all natural languages.

KEYWORDS: Toponymy. Reconcavo of Bahia. Cultural identity.

¹ Universidade Federal da Bahia – UFBA – Instituto de Letras. Salvador – Bahia – Brasil. CEP: 40170-115. E-mail: lanasantana8@gmail.com

² Universidade Federal da Bahia – UFBA – Instituto de Letras. Salvador – Bahia – Brasil. CEP: 40170-115. E-mail: mmtpaim@ufba.br



Introdução

Este trabalho analisa aspectos da microtoponímia do território de identidade (T.I.) do Recôncavo baiano, o qual faz parte de uma divisão elaborada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) — órgão da Secretaria de Planejamento do estado da Bahia (SEPLAN) — que dividiu o território baiano em 27 T.I.s. Tal procedimento foi realizado a partir de dados que apontavam semelhanças na formação histórica e cultural dos municípios, além de fatores geográficos, econômicos e sociais, a fim de que o governo pudesse agilizar a implementação de políticas públicas no estado.

No desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este artigo, foi analisado um *corpus* composto de topônimos híbridos que nomeiam fazendas, comunidades rurais e a hidrografia de vinte municípios que formam o T.I do Recôncavo baiano³, a saber: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muniz Ferreira, Muritiba, Maragogipe, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

O objetivo principal da pesquisa foi identificar na formação desses topônimos a influência dos estratos dialetais indígena, africano e europeu, investigando suas motivações semânticas, em uma perspectiva sincrônica, buscando compreender a relação existente entre língua, cultura e sociedade. Para tanto, considerou-se a importância da toponímia nos estudos linguísticos, uma vez que o nome é muito mais do que um locativo, pois possui elementos linguísticos que, quando analisados etimologicamente e inseridos em um contexto sociohistórico, são verdadeiros portais de conhecimento da cultura de uma sociedade e isso porque os topônimos normalmente configuraram-se como signos motivados semanticamente, isto é, muitas vezes apresentam uma ligação direta entre o nome do lugar e o próprio lugar, representando aspectos físicos da região ou antropoculturais regionais ou nacionais.

Partindo dessa compreensão, o texto discute, de forma breve, alguns conceitos a respeito da variação linguística à luz da Dialetoлогия, além de conceitos sobre a Lexicologia e o léxico onomástico-toponímico, apresentando, em seguida, a análise dos dados e as conclusões a respeito do assunto abordado.

Léxico e Toponímia: resgate da identidade cultural de uma sociedade

A região do Recôncavo baiano é diversa em sua natureza, pois apresenta uma rica variedade em sua fauna e flora, além de possuir bacias hidrográficas que foram favoráveis ao processo de colonização, pois essa foi uma das primeiras regiões a ser explorada pelos colonizadores portugueses, principalmente pelo solo massapê, ali encontrado, que propiciou, durante os três primeiros séculos de colonização, uma grande escala de produção de cana-de-açúcar. Além dessa atividade agrícola, a cultura fumageira também predominou por toda essa região e ambas trouxeram uma grande riqueza patrimonial para o território do Recôncavo,

³ Os dados do *corpus* que compõem este artigo correspondem a uma divisão que prevaleceu até o ano de 2015, pois em 2016 o T.I. do Recôncavo baiano foi reduzido a dezenove municípios, retirando São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé e, ao mesmo tempo incluindo o município de Salinas das Margaridas. Cf. referências.



com a construção de grandes engenhos e casarões que representavam a arquitetura colonial, com toda a ostentação digna dos grandes latifundiários que ali se alojaram.

Mas, para além das riquezas natural e patrimonial, ressalta-se a riqueza cultural do Recôncavo baiano, resultado da convivência dos povos indígena, africano e europeu, que hoje pode ser percebida por meio das manifestações artísticas e culturais e, lógico, na língua do povo dessa região, exemplo nítido da formação lexical do português brasileiro (PB), que apresenta uma variação linguística, resultante da própria formação histórica e cultural do Brasil.

Sobre a variação linguística do PB, é importante ressaltar que, durante os primeiros contatos linguísticos iniciais ocorridos no Brasil, houve uma relação de proximidade bastante significativa entre os primeiros colonizadores e o grupo Tupi da Costa brasileira. A esse grupo pertencem as línguas *tupinambá*, *tupiniquim*, *potiguara*, *nheengatu*, além dos dialetos *cocama* e o *cocamilla* pertencentes "[...] a uma língua de origem não-tupi-guarani tupinizadas pelos tupinambás que entraram no Alto Amazonas e no Solimões nos séculos XVI-XVII [...]" (DIETRICH, 2015, p. 13), assim como a língua *omágua/omawa/canga-peba* "[...] língua muito importante na Amazônia dos séculos XVI e XVII; da mesma origem que o cocama-cocamila, com o qual forma um grupo linguístico [...]" (DIETRICH, 2015, p. 13).

Observa-se, portanto, uma proximidade dos colonos com a diversidade linguística e cultural dessas tribos indígenas, principalmente nas primeiras décadas de exploração do território, o que ocasionou a inserção de palavras tupis e tupinambás na língua portuguesa. Para Rodrigues (2015, p. 31),

[...] os nomes comuns e os topônimos são as aquisições mais naturais quando os falantes da língua receptora não têm nomes em sua língua para objetos culturais ou seres vivos que lhes são completamente estranhos, nem para os lugares que passam a conhecer. Mas sua aquisição em grande quantidade e com pouca alteração fonética, como é a situação predominante na nomenclatura adquirida dos tupis e tupinambás, implica um convívio detido e mais ou menos intenso.

Assim, há a influência dessas variedades do tronco tupi-guarani na nomeação da flora e da fauna brasileira e, por extensão, na onomástica. Além da influência indígena, inclui-se nesse processo de interação linguística, a percepção do povo africano, trazido para o Brasil em meados do século XVI e, mesmo na condição de escravo, exerceu enorme influência em toda a formação cultural e linguística brasileira. Segundo Castro (2005), as línguas de origem *banto*: *quicongo*, *quimbundo* e *umbundo* e as línguas *Kwa*: *iorubá* e *fon* foram marcantes no território baiano. A língua *banto* era usada por africanos que estavam em maior número no Brasil e que tiveram maior continuidade de tempo com o colonizador, enquanto os povos que dominavam a língua *Kwa* vieram para o Brasil, no final do século XVII. Os falantes da língua *fon* eram dirigidos para várias regiões, entre elas o Recôncavo da Bahia. Já os *iorubás* foram trazidos para a Bahia, na fase final do tráfico negreiro e ocupavam-se, principalmente, de trabalhos urbanos e domésticos em Salvador.

Como se observa, o léxico brasileiro recebeu diversas influências linguísticas; a diversidade pode ser verificada não somente por meio da influência indígena e africana, mas também, pela própria diversidade linguística do povo europeu, já que o território brasileiro foi cobiçado por muitos, entre eles, os franceses, espanhóis, holandeses, todos representantes de idiomas que já possuíam influências linguísticas várias em sua formação. Dessa forma,



estudar o léxico e suas variações em um determinado espaço geográfico traz a possibilidade de evidenciar

[...] a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço geográfico no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Essa é a perspectiva adotada pela Dialektologia, ramo da Linguística que se ocupa do estudo da variação linguística em um espaço geográfico, e, a partir do que expõe Cardoso (2010), o espaço geográfico é concebido como um espaço social, local onde a língua é constituída a partir das interações socioculturais ocorridas e perpetuadas através das gerações. São essas interações que darão origem ao léxico, parte do sistema linguístico que é considerado como um **tesouro**, pois carrega todo o conhecimento de uma sociedade, acumulado pelas gerações. Segundo Biderman (1978), os membros de uma sociedade tornam-se os responsáveis pela perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua. Sobre essa perspectiva, é importante considerar a importância dos padrões e processos de formação de palavras, pois eles

[...] otimizam as possibilidades de expansão lexical, **fazendo uso de material simbólico previamente existente através de sua adaptação a novas circunstâncias**, quer criativamente, quer de acordo com padrões convencionais gramaticalizados. O uso de padrões que aproveitam elementos previamente existentes atribuindo-lhes funções é fundamental para a eficiência dos processos de formação de palavras, na medida em que garantem a comunicação automática sem sobrecarga de memória (BASÍLIO, 2004, p. 51. Grifo nosso).

Entre esses processos, pode-se citar o hibridismo, exemplo perfeito da mistura das culturas que foram disseminadas no território brasileiro. Houaiss (2009) define esse processo como a “[...] língua ou palavra resultante da mistura dos vocabulários de duas ou mais línguas e/ou da interpenetração de sintaxes provenientes de línguas distintas [...]”. Portanto, em um processo de hibridismo, unem-se elementos lexicais de línguas diferentes, resultando em **híbridos simples**, como ocorre nos processos de derivação por afixos, ou **híbridos compostos**, em que se unem raízes de línguas diferentes, por um processo de composição (ROCHA, 1998).

Todas as discussões realizadas sobre o léxico comum estendem-se ao léxico onomástico-toponímico, uma vez que, antes que uma palavra seja deslocada para o campo onomástico, transformando-se em topônimo, ela faz parte do repertório lexical de uma sociedade. Dessa forma, o topônimo também pode ser considerado um tesouro cultural. Como bem afirma Dick (1999a), eles são como uma **crônica da sociedade**, que preserva fatos históricos, sociais e culturais, sendo possível, portanto, aplicar-lhes análises linguísticas, geográficas, históricas, antropológicas e psicológicas.

Observa-se, por conseguinte, que mesmo vinculando-se à Linguística, a Toponímia é uma área de pesquisa interdisciplinar que estabelece interfaces com outros campos de conhecimento, possibilitando uma análise de fatores extralinguísticos, que favorecem o



trabalho do toponimista, no que diz respeito à confirmação de dados pesquisados acerca das motivações semânticas das denominações toponímicas, já que o deslocamento de uma palavra para o campo onomástico não ocorre de forma aleatória; há sempre uma influência externa ao sistema linguístico que motiva essa transição.

Partindo dessas premissas, o topônimo pode ser considerado um fóssil linguístico⁴, pois preserva formas antigas, que acabam por se tornarem opacas, por sofrerem a ação do tempo (DICK, 1990a). Como forma de exemplificação, pode-se citar os topônimos de origem tupi, os quais, quando analisados etimologicamente, apresentam elementos formadores descritivos e funcionam como sintagmas que definem claramente a localização do lugar através de referências; segundo Sampaio ([1901] 1987), os nomes de lugares para esses índios “[...] são, a bem dizer, verdadeiras definições do meio local”.

Portanto, é com essa compreensão que o *corpus* coletado foi trabalhado. Analisá-lo significa uma possibilidade de adentrar no universo linguístico-cultural do Recôncavo baiano, mostrando que o português brasileiro é vário e suas bases linguísticas precisam ser reconhecidas e valorizadas em toda sua diversidade.

Análise de dados

A consulta aos mapas estatísticos municipais dos vinte municípios do Recôncavo baiano — escala 1.100.000, disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — resultou em 1.600 topônimos, sendo que destes, 144 apresentam formação híbrida. O tratamento dado a esses topônimos corresponde a uma metodologia já conhecida nas pesquisas toponímicas realizadas no Brasil, introduzida pela toponimista e coordenadora do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP) e do Atlas Toponímico do Brasil (ATB), Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que desenvolveu um quadro taxionômico (DICK, 1990a; 1990b), que possibilita uma classificação dos topônimos brasileiros, conforme as suas especificidades. Apesar dessa amplitude, as taxes não são limitadas, ou seja, diante de um contexto de nomeação toponímica que não corresponda ao quadro, o pesquisador poderá criar adaptações de acordo às necessidades encontradas.

O quadro taxionômico é composto por vinte e sete taxes, sendo onze de natureza física e dezesseis de natureza antropocultural (DICK, 1990b, p. 31-34). A formação das taxes apresenta-se de acordo com aspectos semânticos de natureza física ou natureza antropocultural observados no termo específico do sintagma toponímico. Por exemplo, no sintagma toponímico “comunidade Pedra Preta” o primeiro elemento do termo específico desse sintagma (Pedra Preta) vincula-se a um elemento de índole mineral, assim, seguindo o quadro taxionômico, esse termo teria a classificação de **litotopônimo**, pois *lito-* é um termo hiperônimo de origem grega, relativo à mineralogia que, associado a “topônimo”, forma a taxionomia. Assim, também teriam a mesma classificação os termos específicos dos sintagmas toponímicos “comunidade Barro Vermelho”, “comunidade Cascvalho” e “comunidade Areia Fina”.

⁴ Dick (1990a, p. 42) informa que o primeiro a utilizar essa expressão foi o geógrafo francês Jean Brunhes, que qual considerava o topônimo um “fóssil da geografia humana”.



Seguindo essa metodologia, verificou-se, nos topônimos híbridos, uma maior porcentagem de topônimos com motivação semântica de natureza física, com 69%, com a presença das seguintes taxionomias: fitotopônimo (referente à índole vegetal, 53 ocorrências, correspondentes a 52%); geomorfotopônimo (referente às formas geográficas, 18 ocorrências, correspondentes a 17%); hidrotopônimo (resultante de acidentes hidrográficos em geral, com nove ocorrências, correspondentes a 9%); zootopônimo (relativo à índole animal, seis ocorrências, correspondentes a 6%); dimensiotopônimo (referente às características dimensionais dos acidentes geográficos); litotopônimo (referente à índole mineral), ambas categorias com cinco ocorrências, correspondendo a 5%; metereotopônimo (referente a fenômenos meteorológicos, com quatro ocorrências, correspondente a 4%) e morfotopônimo (referente a formas geométricas, com duas ocorrências, correspondendo a 2%).

A porcentagem encontrada para topônimos com motivação semântica de natureza antropocultural foi de 31%, com a presença das seguintes categorias: animotopônimo (relativo à vida psíquica, à cultura espiritual, com 12 ocorrências, correspondentes a 29%); hagiotopônimo (relativo aos santos do hagiológico romano, sete ocorrências, correspondentes a 17%); ergotopônimo (relativo aos elementos da cultura material, com cinco ocorrências, correspondentes a 13%); antropotopônimos (relativo aos nomes próprios individuais); sociotopônimo (relativo às atividades sociais, seja de trabalho ou lazer) e ecotopônimo (relativo às habitações de um modo geral), com quatro ocorrências cada um, correspondendo a 10%; numerotopônimo (relativo aos adjetivos numerais, com duas ocorrências, correspondente a 5%); os etnotopônimo (referente aos elementos étnicos); dirrematopônimo (corresponde a frases ou enunciados linguísticos) e mitotopônimos (relativo a entidades mitológicas) apresentaram uma ocorrência, o que corresponde a 2% cada.

Quanto à formação híbrida, foram identificados topônimos com as seguintes formações: português-tupi (81 ocorrências, correspondendo a 56%), português-francês (20 ocorrências, correspondendo a 14%), português-africano (14 ocorrências, correspondendo a 10%), português-árabe (8 ocorrências, correspondente a 6%), português-germânica (7 ocorrências, correspondente a 5%), português-espanhol (6 ocorrências, correspondente a 4%), português-malaio (3 ocorrências, correspondente a 2%), português-italiano (2 ocorrências, correspondente a 1%), sânscrito-português (2 ocorrências, correspondente a 1%) e francês-Tupi (2 ocorrências, correspondendo a 1%).

A seguir, apresenta-se um quadro com uma amostra de topônimos híbridos, pois os limites de espaço deste trabalho não permitem a apresentação de todos os híbridos catalogados. O quadro está assim estruturado: sintagma toponímico (termo genérico e específico); origem do topônimo; a localização no Recôncavo baiano; a categoria semântica e a taxionomia.

Quadro 1: Exemplos de topônimos híbridos do Recôncavo baiano

Sintagma Toponímico		Origem	Município	Categoria semântica	Taxionomia
Termo genérico	Termo específico				
Comunidade	Alto da Valença da Guaíba	Português + Tupi	Cachoeira	Física	Dimensiotopônimo



Comunidade	Santiago do Iguape	Português + Tupi	Cachoeira	Antropocultural	Antropotopônimo
Comunidade	Caboquinho	Tupi + Português	Cachoeira	Antropocultural	Etnotopônimo
Fazenda	Rancho Alegre	Português + Espanhol	Castro Alves	Antropocultural	Ecotopônimo
Comunidade	Bom Jardim	Português + Francês	São Francisco do Conde	Antropocultural	Animotopônimo
Comunidade	Mina do Sapé	Francês + Tupi	Santo Antônio de Jesus	Antropocultural	Sociotopônimo
Comunidade	Xangô São Francisco	Português + Africano	São Felipe	Antropocultural	Mitotopônimo
Fazenda	Guandu Velho	Português + Africano	Dom Macedo Costa	Física	Fitotopônimo
Comunidade	Duas Estivas	Português + Italiano	Muniz Ferreira	Antropocultural	Numerotopônimo
Comunidade	Água Branca	Português + Germânico	São Sebastião do Passé	Física	Hidrotopônimo

Fonte: Elaboração das autoras

Tendo discutido os dados e apresentado alguns exemplos dos topônimos híbridos do Recôncavo baiano, o texto dirige-se à conclusão.

Conclusão

Frente ao exposto, verifica-se que os dados aqui apresentados sobre a toponímia baiana destaca a importância dos estudos variacionistas, no que diz respeito à formação do léxico do português brasileiro (PB). Ao buscar a origem dos topônimos de uma determinada região, há a possibilidade de serem verificados, por meio da etimologia, os estratos dialetais, que deram origem à língua vernácula em determinada região. Essa análise pode revelar formas antigas de linguagem que não estão mais em uso ou, ainda, termos que não foram dicionarizados (DICK, 1996). Além disso, através do método da Geolinguística (CARDOSO, 2010), é possível mapear as áreas em estudo, buscando, na dimensão diatópica, pontos em que há a maior ocorrência dos estratos que formaram o PB, sendo possível traçar um comparativo entre as áreas analisadas, revelando a realidade toponímica do local averiguado.

Ao mesmo tempo, o estudo semântico-lexical realizado a partir desse material linguístico (topônimos) permite não somente uma análise descritiva, mas também revela a criatividade e a expressividade linguística do falante, já que este, para colocar em prática o processo de nomeação, utiliza recursos metafóricos complexos, tornando o topônimo um signo linguístico relativamente motivado, característica compreensível, na maioria das vezes, a partir da sua inserção sociocultural, uma vez que reflete a ideologia de um povo registrada por meio desse material linguístico. Portanto, é correto afirmar que o



topônimo é um signo linguístico capaz de resgatar a memória e a identidade cultural de uma sociedade.

Diante de tamanha importância e funcionalidade, a Toponímia firma-se cada vez mais na Linguística e, por meio de pesquisas nessa área, mostra-se a necessidade da preservação de topônimos que surgiram a partir das vivências sociais, sem que sejam modificados aleatoriamente, criando sobreposições que se distanciam da história social do lugar.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 47, p. 49-71. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/viewFile/7347/6769>. Acesso em: 06 dez. 2009.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora, 2005.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed.. São Paulo: [s.n.], 1990b.

DICK, M. V. de P. do A. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

DIETRICH, W. O tronco tupi e as suas famílias de línguas: classificação e esboço tipológico. In: Noll, V., Dietrich, W. (Orgs). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 27-48.

HOUAISS, A., V. M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

RODRIGUES, A. D. Tupi, tupinambá, línguas Gerais e português no Brasil. In: Noll, V., Dietrich, W. (Orgs). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 68-99.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional: 1987.



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA.
Estatísticas dos municípios baianos. *Território de Identidade Recôncavo*. v. 13. Salvador:
SEI. Disponível em:
http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=76&Itemid=110
>. Acesso em: 12 mai. 2012.

Recebido em 30/09/2017
Aprovado em 25/11/2017